UNIVERSIDADE DO SUL DE SANTA CATARINA

PÂMELA WEINGÄRTNER

(IN) VISIBILIDADE DO FUTEBOL FEMININO

Palhoça

PÂMELA WEINGÄRTNER

(IN) VISIBILIDADE DO FUTEBOL FEMININO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Jornalismo da Universidade do Sul de Santa Catarina como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Orientador: Prof. Fernando Evangelista

Palhoça

2019/1

Dedico este trabalho a minha família e amigos, por todo amor e apoio. Sem eles eu não teria chegado até aqui.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus e a Nossa Senhora Desatadora dos Nós por terem guiado meus passos e me dado sabedoria e perseverança para seguir com fé e determinação.

Aos meus pais, por sempre acreditarem em mim. E por vibrarem com cada conquistas nessa caminhada.

Aos meus irmãos, por terem paciência e compreensão quando tínhamos que dividir o mesmo computador.

Aos meus avós sempre comemoraram a cada conquista minha nessa trajetória.

Ao meu orientador, Fernando, que embarcou nessa história comigo e fez com que eu me apaixonasse e me descobrisse no jornalismo esportivo.

À Luíza de Jesus por aceitar dividir um pouco da sua trajetória e está sempre a postos para me atender mesmo com as rotinas de treino.

À jornalista Ale Xavier e à técnica do Santos Emily Lima, por terem tirado um tempo para falar sobre o futebol feminino.

Por fim, a todos os meus familiares e amigos que estiveram comigo nesta longa caminhada.

RESUMO

O presente trabalho, que se constitui em formato de grande reportagem, traz a história da jogadora Luiza de Jesus, jovem eleita duas vezes a melhor goleira do mundo, segundo a Federação Internacional de Futebol 7. Com base em pesquisas e entrevistas, este Trabalho de Conclusão de Curso mostra quais os desafios que as mulheres enfrentam para viver do esporte no Brasil. E como a transmissão da Copa do Mundo de Futebol Feminino e as novas regras da CBF e da Conmebol vêm dando mais visibilidade a modalidade.

Palavras-chave: mulher, jornalismo, futebol, futebol feminino, grande reportagem, machismo, jornalismo esportivo.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....1
2. JUSTIFICATIVA.....3
3. OBJETIVO.....5
4. DESCRIÇÃO DO PRODUTO.....6
5. MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADAS.....7
6. CONCLUSÃO.....8
REFERÊNCIAS.....9

1. INTRODUÇÃO

Este Trabalho de Conclusão de Curso é uma reportagem sobre a (in)visibilidade do futebol feminino. É discutido por qual razão esse assunto não é muito abordado pela mídia e a questão de como mudar essa situação. Tem como fio condutor a vida de Luíza Jesus, jogadora de futebol 7, eleita a melhor goleira do mundo em 2017. Para Luiza "o esporte está evoluindo a passos lentos mas já é diferente de alguns anos atrás."

A escolha do tema veio a partir do meu convívio com times amadores de futebol feminino. Os questionamentos surgiram com a convivência com essas mulheres que amam e praticam o esporte. Se o Brasil é o país do futebol, por que o feminino é tão invisível?

Durante o governo de Getúlio Vargas, em abril de 1941, o futebol feminino foi proibido: "às mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza, devendo, para este efeito, o Conselho Nacional de Desportos baixar as necessárias instruções às entidades desportivas do país." (Art. 54. do decreto-lei 3.199/41). A partir daí, o futebol foi praticado quase totalmente por homens até 1979.

As mulheres hoje enfrentam dificuldades para se manter no esporte, devido à falta de patrocínio e a pouca visibilidade. Foi preciso a Confederação Sul-Americana de Futebol (Conmebol), para que tivesse um apoio aos clubes brasileiros. Em seu novo estatuto e regulamento, a Conmebol determina que clubes precisam ter equipes femininas para participarem das competições masculinas que organiza.

Vale lembrar que as jogadoras de futebol também enfrentam longos períodos de treino, disputam campeonatos. Mas, ao contrário do que muitos pensam, a maioria tem que ter outra fonte de renda, pois os salários milionários são luxo que apenas alguns jogadores (homens) têm.

A goleira Luíza sempre praticou esportes desde pequena. Com 7 anos entrou em uma escolinha de futsal masculino, na qual era a única menina, jogava na linha e dali em diante nunca parou. Passou por todos os esportes, mas sempre voltava para o futebol.

Com pesquisas e entrevistas chega-se à conclusão de que o futebol feminino é sim muito invisível, mas está crescendo e sendo visto. Finalmente a Confederação Brasileira de Futebol (CBF) começou a olhar para essa modalidade que infelizmente precisou de uma regra que elimina os times masculinos dos campeonatos, para que os clubes montassem um time feminino.

A valorização do esporte ainda está engatinhando, mas a expectativa das jogadoras e times femininos é que a transmissão da Copa pela TV Globo possa abrir portas

para modalidade. A goleira Luiza acredita que para as próximas gerações as portas vão estar abertas.

Desde o anúncio de que o Mundial seria transmitido pela maior emissora de canal aberto do Brasil, a modalidade começou a ganhar um certo destaque. No começo desse trabalho de conclusão de curso era muito difícil encontrar reportagens sobre o assunto nos principais canais de comunicação do Brasil. Hoje já se tem um número maior de reportagens, inclusive reportagem sobre o tema.

O futebol feminino vive um dos seus melhores momentos, no começo dessa pesquisa quase não era falado ou notado, e hoje é possível assistir a Copa do Mundo Feminina e o Brasileirão Feminino na TV aberta. Isso é um passo enorme para o esporte ser mais valorizado. A Copa do Mundo começou, a Seleção Brasileira Feminina teve seu primeiro jogo em um Mundial transmitido em TV aberta. O site TV Ibope Oficial registrou 34,1 pontos de audiência na Rede Globo durante transmissão da partida do mundial feminino, enquanto o amistoso da Seleção Masculina no mesmo dia registrou apenas 21,5 pontos na mesma emissora.

2. JUSTIFICATIVA

Assim como a maioria dos brasileiros, o futebol esteve presente no meu dia a dia. Cresci acompanhando os jogos, desempenho dos times, opinião de repórteres pelos veículos de comunicação. Sempre gostei de esportes como um todo, mas depois de um tempo o futebol entrou na minha vida muito além do que se passava na TV. Comecei a ir aos estádios e a jogar em um time amador. Com base nessa vivência, surgiu a problemática deste trabalho.

O problema de pesquisa é qual seria o motivo para a invisibilidade do futebol feminino e a falta de representatividade na mídia acontecer, tendo a vida da jogadora Luiza como recorte Essa falta de visibilidade é dada por várias questões e uma delas é o fato do esporte ter sido proibido durante 40 anos, a regulamentação do futebol feminino veio apenas em 1983, graças à luta de jogadoras.

Os reflexos dessa proibição são sentidos até hoje, como o pouco incentivo, a falta de patrocinadores. Se o futebol feminino é regulamentado desde 1983, por que ainda se tem tanta dificuldade de se manter? Por que a mídia não fala do assunto?

Por que o esporte continua tão desvalorizado em um país fascinado por futebol? Enquanto outras modalidades estão ganhando mais espaço na mídia, como o vôlei, e até mesmo games de computador, o futebol permanece sendo visto como um assunto para os homens.

Quando se fala em futebol, os jogadores que vêm à cabeça são sempre homens. Isso porque o que vende é o que sai na imprensa, se fala muito do Neymar e pouco da Marta. Os dois são camisas 10 da seleção, são atacantes, porém, o Neymar está em destaque, já a Marta nem sempre.

Quando saiu a lista dos indicados a melhores do mundo pela FIFA, em 2018, algo que chamou a atenção foi a repercussão do Neymar não ter sido indicado como um dos melhores do mundo, e não a Marta ser a única brasileira entre os finalistas pela 14° vez. O reconhecimento deste feio só veio após ela ser eleita a melhor jogadora do mundo pela sexta vez, assim se tornando a maior vencedora entre homens e mulheres.

Para a professora em estudos de gênero e diversidade da Universidade Federal da Bahia (UFBA), Maíra Kubik, a mídia tende a reproduzir estereótipos, por isso a mulher ocupa

apenas papéis mais tradicionais, como o de dona de casa ou de mãe. "Pesquisas demonstram que, por exemplo, em matérias de economia, a mulher é entrevistada no supermercado para falar sobre o aumento dos preços, enquanto os homens são os economistas, que comentam tecnicamente", afirma Kubik.

No futebol, ela aponta que a mulher é tratada como musa e não como atleta. "No Brasil do machismo, o lugar da mulher não é no futebol, que ainda tido é como um nicho masculino. E, por isso, mesmo conquistas valorosas como a de Marta não ganham visibilidade", explica Kubik.

O resultado esperado desta grande reportagem é expor as diferenças entre o futebol feminino e o masculino, para mostrar que existem muitas meninas que jogam muito e que devem, sim, ser valorizadas. Santa Catarina tem a melhor goleira do mundo e um time que já foi campeão mundial e poucas pessoas sabem disso. É preciso mostrar esse lado do futebol feminino. Tudo isso conectado com a história de vida da catarinense Luíza Jesus.

3. OBJETIVO

O objetivo desta reportagem é analisar e descrever as dificuldades de uma jogadora de futebol. Identificar os problemas que as mulheres enfrentam no esporte e tentar compreender porque o futebol feminino é tão desvalorizado e pouco divulgado na mídia.

Falar sobre as novas exigências da Confederação Sul-Americana de Futebol (Conmebol) e Confederação Brasileira de Futebol (CBF), que criaram uma regra que obriga os times Masculinos que jogam a Libertadores e a Série A do Campeonato Brasileiro a manter pelo menos um time Feminino para poder jogar os campeonatos a partir deste ano (2019). Conversar com jogadoras para saber a opinião sobre a efetividade desta nova exigência da confederação.

Falar sobre a transmissão da Copa do Mundo de Futebol Feminino, que pela primeira vez vai ser transmitida por dois canais de TV aberta. A TV Globo vai transmitir todos os jogos da Seleção Brasileira e a TV Bandeirantes vai transmitir outros jogos além dos da Seleção.

Como objetivos específicos: contar a vida da jogadora Luiza Jesus. Identificar os times que estão implantando o futebol feminino. E se essa regra da Conmebol está ajudando a divulgar o esporte.

Compreender melhor a história do futebol feminino e o porquê desse receio de apoiar um time formado por mulheres. Identificar mídias que apoiam e lutam para que o esporte tenha uma maior visibilidade.

4. DESCRIÇÃO DO PRODUTO

A curiosidade em saber realmente o que acontece com as mulheres conseguem se manter no esporte. Eu jogava em um time amador e convivi com diversas meninas que amam futebol, mas nunca cogitaram ser profissionais por conta da falta de reconhecimento. Por isso a reportagem procurou saber porque esse esporte não é valorizado, e mostrar o quão difícil é se tornar profissional no Brasil onde só existem categorias de base femininas a partir dos 15 anos.

Os fatores que levaram a ser uma grande reportagem foi a questão do envolvimento do público com o conteúdo. Por ser uma grande reportagem o tema poderia ser mais trabalhado.

Apesar de ser uma grande reportagem, com apenas textos e imagens, busco trazer nas fotografias um pouco sobre a trajetória da Goleira Luiza, fotos dela com suas premiações, em dias de jogo e em dias de treinamento.

Outra motivação que me levou a fazer uma grande reportagem, foram as matérias da jornalista Ângela Bastos, o livro Todo dia a mesma noite: a história nunca contada da Boate Kiss. Que são duas Jornalistas incríveis e que souberam contar uma história com uma riqueza e de uma forma que não ficou cansativa a leitura. A forma que elas tratam de assuntos que geralmente me motivou para falar de um assunto que não era visto. Quando entrei na universidade um professor me disse que um jornalista é um contador de história. Então se é para contar uma história que seja algo que não é visto, para que fazer mais do mesmo? Quando podemos olhar para o outro lado e descobrir histórias impressionantes como a da Luíza que mesmo sem estrutura conquistou dois títulos mundiais e foi eleita duas vezes a melhor goleira do mundo.

5. MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADAS

Para realização da grande reportagem foram realizadas entrevistas com diferentes fontes, entre elas estavam a goleira Luíza, técnica Emily Lima e a jornalista Ale Xavier. Além de pesquisas sobre a história do futebol feminino no Brasil. A lei que proibia as mulheres de jogar futebol, e as novas implosões da CBF e CONMEBOL, para melhor compreensão do tema.

Desta forma divido minha produção em três partes: pré-produção, produção e pós-produção.

A pré-produção foi o momento de descobertas, pesquisas para aprofundar o tema e buscar uma melhor forma para abordagem e caminhos para desenvolver a reportagem. Ficou decidido que a reportagem seria um perfil e que a partir da história da Luíza seria abordado a invisibilidade do esporte. A goleira sempre esteve muito aberta para fazer parte do projeto, ficou muito feliz com o convite, por saber da importância do assunto.

A produção foi o momento de colocar em ação as técnicas jornalísticas aprendidas durante o curso, adaptando a conversa e as perguntas conforme as fontes. Essa foi a parte mais difícil, no começo do projeto a Luiza mora em São José na Grande Florianópolis, possibilitando uma imersão melhor em sua vida. Só que quando chegou na hora de tirar o projeto do papel ela tinha se mudado, Luiza recebeu uma proposta para jogar futebol profissionalmente em clube de Caçador no Oeste de Santa Catarina, assim dificultando a possibilidade imersão. Começamos as entrevistas por mensagens, e como seu clube fechou parceria com o Avaí, em Florianópolis, conseguimos nos encontrar em um fim de semana para uma entrevista mais aprofundada. Também por mensagens e e-mails consegui duas entrevistas para mostrar visões diferentes sobre o tema.

O fato de não conseguir um contato maior com a Luiza pelo fato de ela estar morando longe, não me possibilitou fazer fotos para reportagem, por isso tive que contar com as fotos de arquivo pessoal da atleta.

Por último, a pós-produção que foi o momento das escolhas, entre colocar uma fala da entrevistada ou retirá-la, e escolher de que forma a vida da Luiza iria se encaixar nas outras informações coletadas durante a produção. Com referência à estética que escolhi para reportagem, optei por utilizar bastante as imagens, pois, por se tratar de futebol acredito que a imagem possa ajudar a dar vida ao texto, já que se trata de uma reportagem esportiva.

6. CONCLUSÃO

Buscando compreender melhor o mundo do futebol feminino, este Trabalho de Conclusão de Curso visa contar a história da catarinense Luiza de Jesus, que com muita persistência conquistou o título de melhor goleira do mundo no Futebol 7. O futebol feminino precisa ser abordado, pois é preciso mostrar o quanto essas mulheres precisam lutar para chegar ao profissional.

Todas as mulheres entrevistadas estão de alguma forma ligadas ao futebol. A personagem principal subiu recentemente para um time profissional. E com base nessa trajetória busquei ir pontuando as dificuldades da categoria.

Com pesquisas e entrevistas foi possível chegar à conclusão de que a invisibilidade do futebol feminino no Brasil vem do contexto histórico e machista do país. Um esporte que ficou 40 anos proibido pelo simples fato de a mulher ser considerada frágil, tem sim muito o que recuperar. No período da ilegalidade, não era visto e muito menos falado, isso pesa muito para categoria, que só em 2019 começou realmente a ser visto com ostros olhos. As coberturas midiáticas pré-copa do mundo mostram o quanto esse esporte era desconhecido do público, mesmo o Brasil sendo o país do futebol.

A jornalista Ale Xavier ressalta na sua entrevista que apenas agora as jogadoras da categoria feminina estão tendo patrocínio individual, coisa que já acontece há anos no masculino. Para a ex-técnica da seleção Emily Lima também é preciso fazer campeonatos, fazer com que as redes de TV queiram transmitir, com isso se ganha patrocinador, o clube aparece mais.

Outra coisa que reafirma essa conclusão foi em uma entrevista com a Luiza, ela deixar claro que acha importante essas novas imposições da CBF e Conmebol, que obrigam os times masculinos a manterem pelo menos um time feminino. Mas fica chateada com a questão de ser uma imposição e não algo que eles se sintam à vontade de fazer por eles mesmos.

O ano de 2019 está sendo muito positivo para o futebol feminino, muitas portas estão se abrindo e nunca se falou tanto na modalidade. Com a transmissão da Copa do Mundo pelas emissoras de TV aberta está mostrando como mulheres sabem jogar bola sim, como diz a música que está embalando a Seleção brasileira. “Desde pequena muito preconceito, aqueles papo futebol não é pra mulher. mas aprendi a dominar no peito, pôr no chão e responder com a bola no pé”, música Jogadeira de Cacau Fernandes com participação de Gabi Kivitz .

REFERÊNCIAS

KNIJNIK, Jorge Dorfman; Esdras Guerreiro VASCONCELLOS. Sem impedimento: O coração aberto das mulheres que calçam chuteiras no Brasil. In: COZAC, João (org). **Com a Cabeça na Ponta da Chuteira – ensaios sobre a psicologia do esporte.** São Paulo, Annablume / Ceppe, p. 7, 2003.

MOREL, M; SALLES, J. G. C. Futebol feminino. Atlas do esporte no Brasil. In: **CONFEF**: Atlas do esporte no Brasil. Rio de Janeiro: CONFEF, p. 8264-8265. 2006.

MOURÃO, Ludmila; MOREL, Marcia. As Narrativas sobre o Futebol Feminino: a mídia impressa entra em campo. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte.** Curitiba, vol. 26, num. 2, p.79, 2005.

DARIDO, S. C. Futebol feminino no Brasil: do seu início à prática pedagógica. **Revista motriz**, v.9, n.2, p.1-7, 2002.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Mulheres e Futebol no Brasil: entre sombras e invisibilidades. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte.** São Paulo, v. 19, n. 2, p. 148, 2005.

CHAVES, Alex, S. **O futebol feminino: uma história de luta pelo reconhecimento social.** Revista digital Buenos Aires, ano 12 – nº111, ago 2007

Curso de Questões de Gênero e Feminicídio. Aula 1: Informes gerais das realidades sociais para o enfrentamento da violência contra as mulheres.

Curso de Questões de Gênero e Feminicídio. Aula 3: A evolução dos direitos humanos das mulheres.

FIF7. Football 7 Awards. A brasileira Luiza Jesus é eleita a melhor goleira do mundo. Disponível em: <https://www.f7federation.com/single-post/2018/01/25/Football-7-Awards-A-brasileira-Luiza-Jesus-%C3%A9-eleita-a-melhor-goleira-do-mundo>

UOL Esporte. Será que agora vai? Disponível em: <https://esporte.uol.com.br/reportagens-especiais/cbf-e-conmebol-obrigam-clubes-a-ter-times-femininos-sera-que-agora-vai/index.htm>

Quebrando as portas do preconceito

Perfil da goleira Luiza de Jesus

A catarinense Luiza Jesus, 24 anos, foi eleita duas vezes a melhor goleira do mundo de Futebol 7. A escolha foi feita pela Federação Internacional de Futebol 7 (FIF7). Ela é também bicampeã mundial de clubes.

Se estou fazendo algo, vou fazer da melhor maneira possível

Foto: Andrielli Zambonin / Avaí Kindermann

Luiza começou no esporte muito cedo. Aos sete anos já participava de uma escolinha de futebol, onde era a única menina do time e nunca mais parou de jogar. No começo, jogava na linha como pivô.

Foi só aos 21 anos que se descobriu goleira. “Eu não estou rendendo, não estou entrando, não estou indo para competição, alguma coisa eu tenho que mudar. Se tem uma coisa que eu não gosto é de ficar acomodada. Então, um dia tive uma reunião comigo, e pensei: vou fazer um teste no gol.” Neste momento, sua história no futebol começou a mudar.

Fez o teste e o treinador do clube ficou impressionado e se questionando como nunca tinha notado esse talento. “A partir daí, eles começaram a me levar para competições, viajar como segunda goleira, terceira goleira. Mesmo indo como reserva, as coisas já estavam diferentes de quando eu jogava como pivô e nem era relacionada.”

O técnico de futsal de São José também era técnico de um time de Futebol 7. Foi ele quem convidou Luiza para jogar pela primeira vez o campeonato brasileiro em 2016.
“Ele disse: ‘Luiza você está evoluindo tanto no futsal, vamos fazer um teste no fut7, para ver como você se dá’”, conta a goleira.

Ela aceitou o convite para jogar o campeonato brasileiro de Futebol 7 de 2016 pelo Veneno/Paulo Ramos. A competição ocorreu em Minas Gerais. A viagem de ônibus durou 29 horas. Ficou 10 dias por lá e não jogou um único jogo, mas voltou determinada e começou a treinar ainda mais. Passou o ano de 2017 inteiro treinando. Com muito treino e esforço Luiza começou a ganhar seu lugar como titular no time e se destacar nas competições tanto pelo Figueirense/Paula Ramos como pela Seleção Brasileira de Futebol 7.

Depois de toda essa dedicação, os frutos começaram a ser colhidos. No dia 26 de janeiro de 2018 Luiza recebeu um dos melhores presentes da vida, o título da melhor goleira do mundo de 2017 segundo a FIF7. “O resultado saiu dia 25 de janeiro e no dia 27 de janeiro é meu aniversário, então pensa no presentão”.

Luiza já jogava em um time amador de Futebol 7 antes de ser chamada para jogar o Brasileiro, o Vou Saber FC, no qual começou a jogar aos 15 anos. Mas jogava competições mais sérias. Em dois anos como goleira, coleciona várias premiações e, claro, as mais importantes são os dois títulos de melhor goleira do mundo em 2017 e 2018. Luiza já fez história no mundo do futebol 7, sendo a primeira mulher a receber duas vezes o prêmio de melhor do mundo.

Mudou tudo: o tamanho do campo, da trave, a forma de treinamento.
Foto: Andrielli Zambonin / Avaí Kindermann

Mas a jovem goleira teve uma trajetória curta no Futebol 7. Hoje ela se dedica ao futebol de campo. Ela joga no Kindermann, de Caçador, Oeste de Santa Catarina, time que recentemente fechou parceria com o Avaí, de Florianópolis. Isso foi feito para que o clube, que só investia no futebol, masculino, se enquadre nas novas exigências da Confederação Brasileira de Futebol para jogar Série A do Campeonato Brasileiro.

No novo Licenciamento de Clubes da Confederação Brasileira de Futebol (CBF), todos os 20 times que estão disputando o Campeonato Brasileiro de 2019 deverão manter um time de futebol feminino - adulto e de base. Para cumprir essa regra, os clubes deveriam montar um time feminino do zero ou se associar a outro. Devido a essa exigência, o Avaí firmou parceria como o Kindermann, que já joga o Campeonato Brasileiro Feminino série A1 e é um time forte e consolidado na competição. A jornalista e apresentadora Ale Xavier, do Canal Desimpedidos, acredita "que, assim, mais meninas podem se profissionalizar, treinar, jogar e evoluir. Mais meninas e mais times fazem com que haja mais datas para jogos e competições. Consequentemente aumentamos o nível do futebol feminino no país e mais meninas talvez tenham a chance de brilhar e, quem sabe um dia, trazer uma medalha da Copa do Mundo para o Brasil."

Essa parceria com o Avaí pode abrir portas para o Clube de Caçador dando maior visibilidade na mídia. O Kindermann já foi campeão Brasileiro Feminino em 2010 e quase não teve destaque, quem sabe com essa nova determinação e com a volta da transmissão dos jogos os times femininos possam ser vistos.

Uma curiosidade sobre a história da Luiza com o Kindermann é que em 2013 ela foi para Caçador fazer um teste e, como ela mesma diz, "não deu boa". Na época, seis anos atrás, ela se questionava se realmente valeria a pena largar tudo para morar em Caçador. "Será que quero ficar longe de todo mundo? Será que quero abrir mão de tudo? Só que eu tinha uns 17 anos e a cabeça não era a mesma que tenho hoje. Eu acordava e pensava: 'que merda, tenho que ir treinar'. Depois que eu me descobri como goleira, era o que eu sempre quis, acordar para jogar bola e ganhar dinheiro fazendo isso".

Mesmo tendo uma trajetória curta no Futebol 7, Luiza já defendeu a camisa da seleção na modalidade. A arqueira jogou a Copa do Mundo de Futebol 7 pelo Brasil, na qual as meninas da seleção conquistaram o título e ela foi eleita a melhor jogadora no jogo da final da Copa. Luiza também foi convocada para jogar a Copa América pela seleção Brasileira no Peru. O título não veio, mas ela foi a segunda goleira menos vazada da competição e foi lá também que recebeu o troféu de melhor do mundo.

“O futebol feminino vem em uma crescente em relação aos anos passados. Tanto em questão de equipes quanto de técnico e técnicas, se qualificando para buscar um resultado mais positivo para o seu time”, acredita Luiza.

Mas nem sempre foi assim.

O futebol feminino já foi proibido por lei no Brasil. “Às mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza, devendo, para este efeito, o Conselho Nacional de Desportos baixar as necessárias instruções às entidades desportivas do país. Decreto-lei nº 3.199, de 14 de abril de 1941- Art. 54” , lei que foirevogada apenas em 1979.

Um esporte que já foi proibido por 40 anos, hoje luta por espaço. Segundo a ex-técnica da seleção feminina e atual técnica do Santos, Emily Lima, “a proibição influenciou demais culturalmente e esse é o país que a gente vive, um país machista. Nós fomos proibidas de jogar futebol, não só futebol, como luta, enfim esportes considerados masculinos”.

O fato de o esporte ter sido proibido por lei e a cultura machista na qual estamos inseridos contribui para desvalorização da modalidade. Por que apoiar um esporte que na teoria não renderá lucro? Para atual técnica do Santos “é preciso ter uma cabeça bastante aberta em investimento, não em gasto.” Os times femininos têm muita qualidade. Meninas que com zero de investimento já chegaram a uma final olímpica. É preciso olhar além e investir na modalidade, pois com um investimento, os times vão estar mais preparados e assim estarão mais competitivos podendo conquistar mais títulos e com isso mais patrocinadores.

Como uma forma de compensar essa proibição, que ajudou na desvalorização do esporte por tantos anos, a Confederação Sul-Americana de Futebol (Conmebol) e a CBF criaram uma regra que obriga os times Masculinos que jogam a Libertadores e a Série A do Campeonato Brasileiro a manter pelo menos um time Feminino para poder jogar os campeonatos a partir deste ano (2019).

Essa nova regra imposta pela Conmebol e também pela CBF pode ter seu lado negativo a obrigatoriedade, mas faz com que o futebol feminino seja falado. “Com essa atribuição, mais times femininos são formados, mais meninas se profissionalizam, mais jogos e calendários elas vão ter para treinar e competir, e assim vai. Isso não quer dizer que já está bom. Ainda tem bastante coisa para ser feita, mas é um primeiro passo”, acredita a apresentadora Ale Xavier.

O Kindermann já foi campeão brasileiro em 2010. É considerado um formador de grandes talentos no futebol feminino, muitas meninas que já vestiram ou vestem a camisa da

seleção brasileira, já passaram por ele. O Kindermann começou com um time masculino e depois migrou para o feminino. No início de 2004, o clube resolveu migrar pro futsal feminino, que era pouco explorado até então, e seria mais fácil de obter resultados no nível nacional. Contrataram técnico Edvaldo Erlacher e uma equipe inteira de jogadoras do Espírito Santo. A partir daí, o clube conquistou inúmeros títulos.

Apresentação do Avaí/Kinermann no Estádio da Ressacada
Foto: Andrielli Zambonin / Avaí Kindermann

Luiza recorda das dificuldades antes enfrentadas para se manter no esporte e como as coisas estão mudando em sua trajetória. “Antes eu pagava para jogar, agora recebo para isso. Já teve vezes de não ter como ir ao treino por falta de gasolina e hoje eu tenho um carro me esperando para me levar no treino”.

A TV Bandeirantes voltou a transmitir o Campeonato Brasileiro Feminino e, pela primeira vez, a Copa de Futebol Feminino está sendo transmitida pela TV Globo e pela TV Bandeirantes.

Para Luiza, “a transmissão da Copa do Mundo na maior emissora de televisão do Brasil vai valorizar muito o nosso esporte. Valorizar a mulher dentro do esporte, valorizar a nossa categoria. Acredito que através dessa transmissão muitas meninas vão estar sendo chamada para outros clubes, até para fora do país”.

Para Ale Xavier, essa transmissão pode dar uma visibilidade jamais dada a modalidade. “É uma primeira porta para a modalidade ser vista. Ela sendo vista, gera interesse, curiosidade, incentivos”

Aos poucos, as mulheres vão conquistando o seu espaço no esporte. A própria CBF está abrindo mais portas para a modalidade no país com a criação de competições de base para dar mais espaço e oportunidade para evolução das atletas. Para Luiza, o apoio da Confederação está mais claro. A gente vê isso, principalmente porque de dois anos para cá foram criados campeonatos de categoria de base. Então, é aí que está o ponto chave do negócio. Se a gente quer ter uma estrutura, se a gente quer um esporte valorizado e de qualidade, a gente tem que começar pela base. A CBF tem pontuado bastante nesse lado, então acho que a tendência é só melhorar daqui para frente", enfatiza.

Luiza passou por muitos desafios para chegar onde está hoje, mas acredita que ainda tem muito pela frente. Sonha alto e não tem medo de correr atrás de seus sonhos. Quando questionada sobre os planos, ela nem pensa para responder: "Hoje quero ser melhor no que eu faço. Quero treinar para ser a melhor."

Melhor do mundo é a nova aposta do Kindermann.
Foto: Andrielli Zambonin / Avai Kindermann

Foi no Jogos Abertos de Santa Catarina (JASC) que sua carreira no futebol de campo começou a decolar. Luiza sempre jogou pelo time do município de São José onde recebia o bolsa atleta, uma pequena ajuda de custo.

No JASC de 2018 se destacou e chamou a atenção do Kindermann. Ela já estava decidida a sair do futebol 7 para o utebol de campo, já andava atrás de um clube e negociava com um time de São Paulo quando veio a proposta do clube catarinense. “A hora que pisei fora do campo, o treinador do Kindermann perguntou ‘Luíza você não que vir pra cá? Vir pro Kindermann?’ Eu só olhei pro meu treinador e ele disse ‘vai, vai que é a tua chance’, relembra. O mais interessante é que ela nem lembra e, nem pensava em jogar no clube, ela já estava com tudo acertado para jogar por outro time. “Se eu não fosse para o Kindermann, já estava tudo acertado para eu ir morar em São Paulo e iria jogar pelo Rio Preto. E nunca passou pela minha cabeça voltar para o Kindermann para jogar no campo. Eu nem lembrava que o Kindermann existia, jogava contra tudo, mas sabe quando você apaga? Fui uma vez não deu certo, deletei da cabeça. Aí quando pisei fora do campo nos JASC e eles [do Kindermann] vieram falar comigo falei, como nunca pensei nisso? Como nunca pensei em fazer outro teste lá?”.

Sua adaptação no clube foi difícil: saudade da família, o fato de estar em um lugar novo sem alguém conhecido, mas a vontade de realizar seu sonho de ser profissional falou mais alto. Mesmo já tendo conquistado prêmios como goleira, foi apenas no Kindermann que Luiza passou a ter um treinamento específico para a posição. Antes, ela treinava sozinha ou com ajuda de amigos. A jovem sentiu a diferença quando encerrou a sua carreira no Futebol 7 e foi se dedicar ao futebol de campo em um time profissional.

Mudou tudo: o tamanho do campo, da trave, a forma de treinamento. Até porque ela nunca teve um treinamento específico quando jogava no Futebol 7, era tudo um hobby, feito “na raça”. Com a ida para o profissional o desgaste físico foi maior, a mudança na alimentação também foi necessária para se adequar às exigências do clube. Isso tudo acabou dificultando sua adaptação, mas nada que a impedisse de estar agora apta a participar dos jogos.

Quando chegou no Kindermann, era tudo novidade e uma conversa com o preparador de goleiras do time foi fundamental para que Luíza não se deixasse abater pelas dificuldades com a adaptação na modalidade. “Eu uso uma analogia: a primeira vez que treinei no Kindermann eu não sabia fazer pegada de triângulo e meu treinador dizia:

- Está vendo essa bola? O que você mais quer agora?
- Quero pegar a seleção, é o meu sonho.
- Independentemente do que você quer agora, a pegada (da bola) tem que está sempre na tua visão. Pensa assim: eu não posso deixar o meu sonho escapar.

Então, quando a bola vem, é o meu sonho e eu não posso deixá-la escapar”, conta.

É o meu sonho, não posso deixá-la escapar!
Foto: Andrielli Zambonin / Avai Kindermann

A goleira leva essa comparação muito a sério, ela se cobra muito, se não faz um bom treino fica chateada consigo mesma, pois sabe que ela está no começo.

Na época em que jogava futsal, ela aprendeu tudo por conta própria, e sabe que só agora está tendo esse treinamento diferenciado para sua posição. Então busca ser paciente e absorver o máximo que pode do seu preparador de goleiro e da goleira Bárbara, que é a titular do Kindermann e da Seleção Brasileira.

Luíza, hoje, está onde sonhou, mas sempre fica rondando em sua cabeça os “e se?”. “E se eu tivesse me descoberto antes, com 13/14 anos, será que já teria jogado na Seleção?” Mas ela também entende que precisou passar por todo esse processo, jogar na linha, amadurecer. “Imagina se eu fosse goleira naquela época, com a cabeça que eu tinha? Eu jogava na linha não deu, não deu e segue o baile”. Ela acredita que talvez não tivesse chegado tão longe, pois era imatura e não iria saber lidar com a pressão de ficar longe da família.

Time de goleiras e o preparador de goleiras do Kindermann
Foto: Andrielli Zambonin / Avaí Kindermann

Mas, mesmo sendo uma jogadora profissional, e recebendo um salário, ainda é difícil se manter no esporte. Porque mesmo estando em um time de ponta e recebendo um salário considerável, a atleta ainda tem que bancar os seus equipamentos, como luvas e chuteiras, - apenas os uniformes os clubes disponibilizam para as atletas. Então, se as atletas não têm um patrocínio, tiram do seu bolso. Uma luva boa de goleira é cara e dura um mês. “Antes, eu costurava minha luva para continuar jogando, e hoje ela chega pelo correio”, relembra Luíza.

O futebol feminino vem ganhando destaque e, consequentemente, as jogadoras também. Algo que ajudou foi a imposição da CBF, que apesar de ser uma obrigação ajudou com que o tema fosse visto, assim como a transmissão da Copa do Mundo em canais de TV aberta. “Temos jogadoras com patrocínios esportivos individuais, por exemplo. Isso há anos não ocorria. Temos empresas pagando a mesma premiação que pagou para times masculinos para elencos femininos. Devagar está melhorando,” acredita Ale Xavier.

Apesar de a CBF ser a mais responsável para promover o futebol feminino, por ser digamos a “dona” da Seleção vale lembrar que ela não é a única. As emissoras, empresas, patrocinadoras, por exemplo, também tem parte no incentivo ou falta dele na modalidade. Segundo a jornalista Ale Xavier, “costumamos cobrar apenas a CBF, mas não dá para se cobrar um título mundial ou olímpico, sendo que não temos categorias de base para o futebol das mulheres”.

Para o Diretor do futebol feminino da federação Maurício de Barros, “falta patrocínio, falta também incentivo dos times, eles têm que querer fazer a diferença e perder o medo de

participar de campeonatos quando criamos.” A federação, segundo ele, busca formas para melhorar o crescimento do esporte.

Um bom exemplo dessa falta de apoio da mídia é a Copa do mundo. A competição acontece desde 1991, e apenas em 2019 os jogos serão transmitidos pela TV aberta. Depois que a TV Globo comprou os direitos para transmitir o campeonato, o esporte passou a ser mais falado. O número de matérias com foco no esporte aumentou e isso tem contribuído para a divulgação. E com isso ajudando os times femininos a serem mais conhecidos e a conseguir patrocinadores.

O jogo do Avai Kindermann contra o Santos, no dia 11 de abril de 2019, na Ressacada em Florianópolis, foi transmitido pela Rádio CBN Diário. Foi o primeiro jogo feminino transmitido pelo canal e o primeiro do time na casa do Leão. A partida teve a narração de Paulo Branchi e comentários de Chico Lins e contou com a participação especial da apresentadora do Globo Esporte Santa Catarina, Alessandra Flores, e da engenheira civil e jogadora de Futebol 7, Fernanda Schuch. Vale lembrar que, no mesmo dia, tinha jogo do Flamengo pela Libertadores contra o San José, que só foi transmitido pela emissora após o término do jogo entre Avai Kindermann e Santos.

Primeiro jogo do Avai Kindermann no estádio da Ressacada
Foto: Andrielli Zambonin / Avai Kindermann

Em pesquisas pelo site da CBN Diário, relacionadas ao time, é possível notar como essa parceria do Kindemann com o Avaí ajudou a dar visibilidade. O time nunca tinha sido citado pelo site, e agora com a parceria já saíram algumas matérias sobre o clube e seu desempenho no Campeonato Brasileiro. “Fico muito feliz, só que fico mais feliz ainda pela geração que vai vir depois de mim. Porque elas vão pegar uma época muito foda do futebol.

Antes você tinha quase que arrombar a porta e agora elas estão quase automáticas", conclui Luíza.

Manchetes das primeiras matéria sobre o Avaí/Kindermann no site CBN.

Um bom exemplo para essa evolução do esporte em Santa Catarina é a pequena Nati Pereira, de 10 anos, a primeira menina a integrar a base de um time da Série A do Campeonato Brasileiro. A pequena pode ficar na base do Avaí até os 13 anos, idade máxima permitida pelo regulamento para times mistos, e depois ela pode ir para base do Kindermann. Luíza e Nati gravaram uma entrevista juntas falando sobre essa conquista da menina, e para Luíza isso é mais uma porta se abrindo para o Futebol Feminino. "A Nati vai jogar um campeonato na Rússia, um campeonato para categorias de base com meninas", diz Luiza. Para ela, isso mostra que as coisas estão mudando.

Hoje ainda seria impossível manter um campeonato de base para as categorias de base feminina, pois segundo Maurício, "não teria equipes suficientes para ser feito um campeonato", diz. Segundo ele o esporte em um crescimento de forma geral, times cada vez mais fortes campeonatos cada vez melhores.

A goleira Luíza hoje vive um sonho, ela trabalha com o que ama. O Kindermann é um time de ponta onde ela recebe para fazer o que ama. Sua vida mudou muito desde setembro de 2018, para esse começo de 2019. Hoje ela mora em Caçador deixou sua família e amigos. O

clube oferece moradia para as atletas e as incentiva com o estudo. Luíza faz educação física, faz o possível para conciliar os estudos com os treinos e jogos, para ser a melhor no que se propõe.

Ela já teve propostas para jogar fora do país, mas como ainda não tinha uma base preferiu ficar e se dedicar para em um futuro próximo se lançar em novos desafios. “Vou ficar aqui no Brasil, sugar tudo que conseguir da Bárbara, para quem sabe em 2020 ir para fora do país. Mas para isso eu preciso passar esse processo todo para evoluir,” planeja Luíza.

Luíza não pensa em nenhum time específico, só em ganhar experiência. “Mas eu sonho em jogar no Paris Saint-Germain Football Club (PSG). Eu tenho uma amiga que joga lá, ela joga do lado da Formiga. São coisas que parecem impossíveis, mas são possíveis”, conta.

O esporte abre portas. Essa amiga da Luíza vinha de uma família humilde com 23 irmãos, que hoje graças ao esporte consegue mandar dinheiro para eles terem uma condição de vida melhor, ela mudou a vida da família. E é isso que ela espera poder viver confortável e dando o melhor de si na profissão que escolheu e, porque não, conseguindo ajudar sua família.